

SOBRE ANAJanice Gonçalves¹**A**

na Maria (ou Ana, como sempre preferi chamá-la) foi e continua a ser minha principal referência profissional.

Eu a conheci quando ingressei na graduação em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1983: foi minha professora já no primeiro semestre, na disciplina de Metodologia da História I (o que voltaria a acontecer no semestre seguinte, com Metodologia da História II). Aquele primeiro semestre foi particularmente duro: grande número de textos acadêmicos para ler, muitos deles em outras línguas e, em qualquer caso, de difícil compreensão para quem, como eu, até então era uma leitora de livros didáticos, uns poucos contos e romances, revistas semanais e jornais. Eu também chegava cansada para as aulas: eram duas horas e meia, de São Caetano do Sul, onde residia, até a Cidade Universitária, em São Paulo, às vezes tomando dois ônibus urbanos

¹ Janice Gonçalves é graduada em História, mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. É docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

e caminhando bastante a pé, às vezes somando aos dois ônibus uma viagem de trem (de São Caetano ao Brás). E, depois das aulas, mais duas horas e meia para voltar para casa. Com isso, não foram poucas as ocasiões em que adormeci ou chorei sobre as cópias dos textos de referência. Não me parecia que os professores, de forma geral, se sensibilizassem ou se preocupassem com nossas dificuldades; antes, com seus comentários, acentuavam nossas deficiências quanto a leituras, domínio de línguas, interpretação de textos e expressão oral. Ana, porém, não agia assim: já no primeiro dia de aula, após apresentar a sua proposta para a disciplina, solicitou que escrevêssemos e, a partir daí, no início das aulas seguintes, fazia um comentário geral sobre os nossos escritos, que em seguida entregava a cada um, com apontamentos e certos sinais misteriosos - aqui e ali, um risco vertical à margem de um parágrafo, ou uma palavra grifada, não muito mais. Para ela, o que pensávamos e escrevíamos não era destituído de interesse, pois inclusive gerava articulações com os temas da parte expositiva das aulas; depois disso, voltávamos a escrever, com base em excertos de autores aos quais Ana se referira. Naquele ambiente que eu considerava hostil, suas aulas me fizeram persistir e me encontrar na vida acadêmica.

Eram tempos em que não havia bolsas na graduação, mas alguns professores, como Ana, buscavam auxiliares de pesquisa. Eu a procurei certa vez (provavelmente no início de 1985), me oferecendo para essa função; entretanto, alguém já a ocupara. Ana então me sugeriu que entrasse em contato com a Fundap e me candidatasse a uma vaga de estágio, preferencialmente no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fiz isso e a partir de julho de 1985 comecei a estagiar naquela instituição, mais especificamente, no setor de biblioteca, tendo a oportunidade de conhecer a riquíssima coleção de periódicos e tomar contato com a biblioteca pessoal do historiador Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, incorporada havia pouco tempo àquele acervo e em fase de organização. Meses depois, em uma determinada manhã, Ana entrou no salão da biblioteca, em busca de algum material bibliográfico; inteirou-se de que eu estava ali há alguns meses e perguntou se eu gostaria de integrar a equipe de um projeto de história administrativa que ela e a historiadora Déa Fenelon coordenariam, no Arquivo. A partir da participação nesse projeto, o Arquivo Público do Estado de São Paulo passou a ser,

para mim, muito mais do que a biblioteca, e eu de fato ingressei no singular mundo dos arquivos.

Ana viria a ser minha orientadora no mestrado e no doutorado em História, mas, antes disso, me orientou naquele projeto de história administrativa, em que fiquei incumbida da parte relativa a obras públicas na administração provincial de São Paulo. Eu ainda não havia acabado a graduação e, na época, não existia a obrigatoriedade de um trabalho de conclusão de curso; aquele projeto, que me fez consultar dezenas de relatórios de presidentes da província e centenas de leis e decretos, bem como sistematizar os dados coletados e produzir um texto final, foi minha introdução à pesquisa. Com Ana tomei gosto pelos levantamentos amplos e exaustivos, adquiri a prática de gerar fichas de coleta de dados a partir de perguntas e hipóteses e entranhei, como necessidades, o rigor e a precisão.

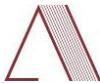
Seu apego à precisão se revelava ainda no uso da língua portuguesa, algo que galgou um patamar em outra iniciativa que teve o Arquivo Público do Estado de São Paulo como *locus*: a elaboração de um dicionário de terminologia arquivística. O que teve início, em 1988, como algo que pretendia apenas oferecer uma contribuição à tradução para o português, promovida pelo Arquivo Nacional, do dicionário de terminologia arquivística elaborado no âmbito do Conselho Internacional de Arquivos, ganhou força e fôlego a ponto de produzir um novo dicionário, coordenado por duas das mais brilhantes arquivistas que o Brasil produziu: a própria Ana e Heloísa Liberalli Bellotto. Entre 1988 e 1996 (com um intervalo entre 1990 e 1992), foram numerosas as reuniões do grupo de trabalho envolvido na produção do dicionário, do qual tive o privilégio de participar: as discussões, envolventes, densas e bem-humoradas, foram verdadeiras aulas de teoria arquivística e marcaram profundamente a minha formação e meu exercício profissional.

Ana era exigente, consigo e com os outros. Longe de me atemorizar, isso me estimulava: ela também me ensinou que não havia o que temer se o trabalho estivesse bem concebido, pensado e realizado. E qualidades como essas ela reconhecia e valorizava. Como sua orientanda, pude exercitar minha autonomia e contei com sua confiança, que me foi sempre preciosa. Recordo de uma única situação em que

discordamos – ainda quando eu estava no mestrado –, pois ela recomendou que eu ampliasse o recorte temporal da pesquisa (que cobria apenas de 1850 a 1900!), de modo a incluir, entre as fontes, os primeiros jornais publicados em São Paulo. Eu não fiz isso, e fiquei com receio de que Ana ficasse desapontada, mas considerei que o cumprimento dessa tarefa envolveria muito mais do que consultar um conjunto adicional de exemplares de jornais. Um amigo sugeriu que a recomendação da orientadora talvez fosse uma forma de verificar o quanto eu comprehendia o meu próprio problema de pesquisa e se estava segura de minhas escolhas. Será? O fato é que ela nunca mais tocou no assunto... nem eu! Talvez esse silêncio tenha sido uma faceta de sua generosidade, da qual eu poderia fornecer vários exemplos; suspeito, porém, que ela desaprovasse essa publicização, e mais não digo.

Ana tinha especial interesse pelo mundo dos impressos e da cultura escrita. Vários de seus trabalhos manifestam isso, a começar de sua tese de doutorado, apresentada em 1977, que envolveu um levantamento sistemático da hemeroteca do IHGSP; também a bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro, elaborada em conjunto com Rubens Borba de Moraes e publicada em 1993, além da organização das edições fac-similares do “Diabo Coxo” e da “Revista Dramática”, pela Edusp, publicadas respectivamente em 2005 e 2006. Sua residência espelhava essa afeição, uma vez que estava coalhada de estantes e armários, por sua vez recheados de livros, revistas e periódicos e um sem-número de outros materiais, incluídos os de papelaria (e, em uma gaveta, uma peculiar coleção de tocos de lápis). Como sua orientanda, mais de uma vez visitei seu apartamento: difícil imaginar local mais acolhedor e prazeroso para quem ama ler e estudar. E, provavelmente como muitos orientandos, me beneficiei da “estante de duplicatas”, que Ana disponibilizava, animada, para que eu levasse o que quisesse.

Meu arquivo pessoal não contempla a relevância da presença de Ana em minha vida. Restaram alguns bilhetinhos, com recados de orientadora ou referentes a trabalhos conjuntos. Não localizei registros fotográficos de momentos que tenhamos partilhado – sou avessa a ser fotografada e certamente tenho responsabilidade por essa lacuna. Mas percebo sua presença na capa da minha dissertação (que ela fez questão de criar, a partir de uma partitura que eu forneci), em fichas de coleta de dados que datilografou em sua



máquina de escrever elétrica e que foram utilizadas no projeto de história administrativa (que eu ainda mantengo...), assim como em livros que eu sei que vieram da “estante de duplicatas”. Sem contar uma pequena xilogravura de Axl von Leskoshek, que ilustrou a edição de “Os irmãos Karamázovi” publicada pela José Olympio, na década de 1950: quando me mudei para Florianópolis, em fevereiro de 1999, então iniciando uma vida a dois, Ana nos presenteou com ela. Desde então emoldurada, aquela gravura-miniatura, mais do que me fazer recordar do romance de Dostoiévski, renova cotidianamente sentimentos de gratidão, respeito, admiração e saudade em relação à minha – para sempre – orientadora.

Março de 2024.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

